

## ENTREVISTA

### PROJETO ARARA AZUL - MONITORAMENTO E MANEJO DE UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO

Neiva Maria Robaldo Guedes

Neiva M. R. Guedes, é graduada em biologia pela UFMS (1987) com mestrado em Ciências Florestais pela ESALQ/USP (1993). Doutora em Zoologia pela UNESP/Botucatu (2009). É professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Uniderp e orienta alunos de Iniciação Científica, mestrado e doutorado. Desde 1990, executa e coordena o Projeto Arara Azul, onde desenvolve estudos sobre a biologia básica e monitoramento da espécie, *Anodorhynchus hyacinthinus*, vulnerável a extinção. Promove atividades de manejo e educação ambiental para a conservação da natureza. Também, é Coordenadora do Projeto Aves Urbanas – Araras na Cidade, executado na Cidade de Campo Grande/MS. É Presidente do Instituto Arara Azul e integrante do Board da Parrots International, com sede em Los Angeles, CA. Tem vários trabalhos publicados em capítulos de livros, artigos e congressos, bem como tem proferido inúmeras palestras no Brasil e no exterior. Neiva Guedes tem sido inspiração para vários projetos de pesquisa, reconhecida pela sua dedicação e pelos excelentes resultados do seu trabalho em prol da conservação da natureza.



AMBCIÊNCIAS: Olá Neiva! Ser bióloga sempre foi um sonho seu? Ou houve circunstâncias externas que influenciaram em sua iniciação acadêmica?

Neiva Guedes: Então, é uma história até interessante, viu?! Primeiro porque eu sempre sonhei em ser médica desde criança, estudei até o final do ensino médio, fiz o terceiro ano com cursinho para fazer medicina e sempre fui bastante estudiosa, muito objetiva, muito focada.

E no terceiro ano com cursinho, eu ficava num grupo com uns dez japoneses e estava ali entre o top dez do cursinho para passar no vestibular. Eu tinha bolsa de estudo e tudo. Só que minha família, meus pais, sempre foram pobres e sempre estudei em escola pública. Meu pai era marceneiro, e com 47 anos ele teve um AVC fatal, e morreu em menos de duas horas. Na época, minha mãe já tinha cinco filhos e estava esperando mais um bebê. Eu estava em Campo Grande que era uma outra cidade, e eles moravam em Dourados.

Quando eu perdi meu pai, que era o provedor da casa, e minha mãe que estava grávida na época acaba dando a luz a minha irmã no dia 1 de janeiro, eu teria um vestibular no dia 4 de janeiro, e não teria a menor condição de fazer esse vestibular, mas mesmo assim eu fiz, mas não passei, porém todo meu grupo de dez japoneses passou tanto para medicina quanto para odontologia. Aí eu fiquei muito mal durante uns seis meses, e eu tive que trabalhar porque meu pai era sócio de uma marcenaria e a gente não ficou com muito recurso e a mãe com o bebezinho também não podia trabalhar. Então, eu era a mais velha dos filhos, porque eu já tinha um irmão casado. E aí eu comecei a trabalhar para ajudar minha mãe e a única opção que me restou seria fazer biologia, que era noturno, e que me permitiria continuar trabalhando. No final daquele ano eu faço vestibular para Biologia aqui na Federal de Mato Grosso do Sul e acabo passando no vestibular de Biologia, que era noturno, e no segundo ano de biologia eu me encanto pela biologia, esqueço a medicina e resolvo concluir a biologia. Durante o curso de Biologia eu tive a oportunidade de fazer alguns estágios com pesquisa no Pantanal, como o Projeto Jacaré, por exemplo, que me incentivou bastante na parte de pesquisa que eu sempre gostei.

AMBCIÊNCIAS: Como fundadora do Instituto Arara Azul, poderia relatar um pouco sobre a importância e sobre quais são os objetivos, e a área de atuação desse projeto? Todas as expectativas vêm sendo supridas ao longo dos anos?

Neiva Guedes: Bom, primeiro eu preciso dizer que o Instituto veio depois do projeto, primeiro eu criei o projeto, ele não tinha uma personalidade jurídica. Então lá em 1989, quando eu vi umas araras azuis na natureza, era bióloga, recém-formada, já trabalhava na Secretaria de Meio Ambiente com Educação Ambiental e o professor que estava dando um curso de conservação da natureza, falou que as araras poderiam desaparecer.

Então eu fico encantada com elas, e sempre falo que foi amor à primeira vista e decido ali daquele ponto que era novembro de 1989, a fazer alguma coisa para que elas não desaparecessem. E aí em 1990 começo meus primeiros estudos. O Instituto Arara Azul só foi criado em 2003, porque o projeto foi crescendo tanto que não dava mais pra não ter uma personalidade jurídica.

Quando eu recebia recursos de outras instituições, eu passava para outras ONGs que tinham aqui no Estado. Mas a gestão disso não era muito fácil, porque eu tinha que captar o recurso, mandar para a instituição, e nem sempre as pessoas queriam mandar para tal instituição, ou porque ela era ligada a alguma coisa da agropecuária, ou porque era da universidade, que era uma universidade particular. Então eu decidi criar o Instituto Arara Azul e contratei uma consultoria em 2003. Mas de fato, não comecei atuando muito com o Instituto Arara Azul já quando eu o criei, eu demorei um pouco, porque era muito confuso a questão instituto/projeto, pois o projeto já era muito grande, muito maior que o instituto. E aí, em 2013, quando conseguimos construir uma sede aqui em Campo Grande, que é um terreno que eu comprei, tinha uma casa já velha e eu conversei com a Fundação Toyota do Brasil e eles depois de muita conversa, toparam fazer desde o projeto, limpeza do terreno, e equiparam para mim esse centro de pesquisa do Instituto Arara Azul, que é aqui em Campo Grande, que a gente chama de Centro de Sustentabilidade. Esse centro recebeu esse nome porque o objetivo dele é trabalhar para angariar recursos pra continuidade dos projetos que são desenvolvidos pelo Instituto, entre eles, o Projeto Arara Azul, o Projeto Aves Urbanas, o Projeto de Educação Ambiental, Projeto de Morcegos Brasileiros, enfim, várias outras pesquisas



com pesquisadores parceiros que são realizadas juntos com o Instituto Arara Azul.

Então, em 2013 já tendo uma sede aqui em Campo Grande, quando foi inaugurada, a gente começa a ampliar os trabalhos do instituto. As nossas expectativas de longo prazo e o nosso foco principal é manter as pesquisas com o objetivo de conservação da biodiversidade, mas envolvendo o homem. Na realidade, a gente busca a conservação e o bem-estar humano tentando sempre conciliar o crescimento com o desenvolvimento. Então assim, trabalhamos com bichos, trabalhamos com plantas, e está todo mundo integrado e todo mundo junto. Se nós não estivermos olhando dessa forma, não vamos conseguir atingir a conservação. Então sim, temos atingido as nossas expectativas, mas não é fácil, porque pesquisa, você sabe que no Brasil não é muito valorizada, os recursos são poucos, nós quase não aplicamos para editais públicos, mas trabalhamos muito com empresas, instituições e com muita criatividade para ter outras formas de captação de recursos do que depender dos governos. Então, isso é um exercício diário. E a outra questão no instituto é ter uma equipe de longo prazo, porque você andar no Pantanal, no Cerrado, subir em árvores que requer bastante cuidado, bastante questões com segurança, é uma atividade que leva um longo tempo para você formar um profissional, seja ele biólogo, ou seja um assistente de pesquisa. E em média, são três anos, no mínimo, trabalhando direto. E aí você tem que manter essas equipes. Não é fácil não, mas estamos conseguindo, sim, suprir todas as nossas expectativas. Trabalhamos muito, somos poucos, mas trabalhamos bastante.



**AMBCIÊNCIAS:** Todos temos fontes de inspiração, pessoas em quem nos espelhamos para nos basearmos e escrevermos nossas histórias, e acredito que isso não tenha sido diferente em sua vida. O que a motivou a começar o projeto Aves Urbanas? A paixão pelas araras surgiu a partir do que ou de quem?

**Neiva Guedes:** A inspiração eu acho que ela vem dos nossos professores. A minha paixão pelas araras, eu disse, começou num curso de conservação da natureza, quando eu vi as araras e o professor disse que elas estão fadadas a desaparecer e eu disse que a gente poderia e tinha que fazer alguma coisa para que elas não fossem extintas.

Mas sim, tenho grandes referências, como Jane Goodall com os gorilas nas montanhas e a Wallace. Enfim, a questão da biologia como um todo me encanta sempre sabe e me motiva sempre. Então surgiu primeiro o Instituto que foi o primeiro



projeto, mas ele foi crescendo tanto, chamávamos de projeto, mas era na verdade um programa de tantos prazos e de tantas ações que a gente fazia.

Já o projeto Aves Urbanas, ele é realizado aqui em Campo Grande e ele começou porque, no final do século passado, a gente viu o nosso calendário de araras vermelhas chegando na cidade. Eu as acompanhei no interior do Pantanal, chegando aqui em Campo Grande e um grupo se estabeleceu aqui e outro passou para o interior de São Paulo, interior do Paraná. E hoje elas já estão bem espalhadas pelo Brasil inteiro, principalmente as araras Canindé. Então a gente decide começar os primeiros estudos primeiro observando o que elas estão comendo aqui em Campo Grande, depois acompanhando a reprodução.

E hoje temos já mais de dez anos do trabalho com Aves Urbanas, mais de 350 ninhos cadastrados aqui na cidade, já conseguimos acompanhar com 180, 200 dias por ano, tem uma equipe própria para esse projeto, que é coordenado pela doutora Larissa Tinoco, que foi minha aluna de Biologia no segundo ano, começou a fazer estágio comigo, hoje ela já é doutora. É ela que coordena a parte de campo desse projeto. Então, sim, o projeto cresceu bastante.

E tem toda a parte do desafio do desenvolvimento com a conservação da biodiversidade na cidade, onde temos prédios, vidraças, redes de energia, veículos. Então tem toda questão de atropelamento, choque com redes de energia, cães e gatos que atacam também filhotes. Enfim, estudamos essa questão de conciliar o desenvolvimento com a conservação.



**AMBCIÊNCIAS:** Por se tratar de um assunto inexplorado e por ser um dos primeiros projetos nesse seguimento, imagino que tenha sido complexo desenvolvê-lo. Pode nos contar um pouco sobre as dificuldades encontradas?

**Neiva Guedes:** As dificuldades encontradas foram inúmeras, e uma das dificuldades era saber o que pesquisar, por se tratar de um assunto muito amplo, e eu não tinha conhecimento nenhum sobre o pantanal e não era nem uma pesquisadora, nunca tinha escrito um projeto. Eu fui aprender a andar no pantanal ao mesmo tempo em que eu executava o projeto, não pude primeiro aprender sobre o pantanal e depois executar o projeto, eu fazia tudo junto e misturado, então essa foi uma grande dificuldade, a falta de experiência naquele momento. E também a falta de técnicas de estudos com grandes psitacídeos, pois existiam apenas alguns estudos de cativeiro, mas sem o contato com os animais, então toda a técnica que hoje existe, antigamente não existia, o que dificultou bastante, pois tudo foi feito com base no erro e acerto, fomos errando, fazendo e aprendendo.



**AMBCIÊNCIAS:** Podemos observar o sucesso de todos os projetos que você não só fez, mas participou de alguma forma, e tentar imaginar de onde vem tanta inspiração para realizá-los. O que a motivou a começar novos projetos? Existe alguma ligação com o projeto Arara Azul, ou ele foi apenas um marco inicial para sua carreira?

Neiva Guedes: Bom, a minha ligação com as araras é carnal, vamos dizer assim. As araras para mim são como se fizesse parte do meu ser. Eu tenho até uma filha, minha única filha que hoje tem 20 anos, e eu sempre disse para ela que os irmãos dela são as araras azuis e ela é minha ararinha cor de rosa, porque a minha relação com essas araras é tão grande, o meu estudo, a minha vontade de que elas nunca desapareçam da natureza é imenso. Eu sei que eu tenho um limite de vida, mas as araras eu quero que seja para sempre, entendeu? Que muitas gerações depois de mim consigam vê-las na natureza e não presas em cativeiro. Então isso me inspira a estudar pelas araras e as outras grandes araras e psitacídeos, e a conservação em geral me inspira. Mas tem uma outra coisa que me motiva muito, que é fazer o link entre pessoas. Então assim, se eu conheço uma pessoa que gosta de alguma coisa e uma outra que gosta de outra coisa, mas que eu vejo que se as duas trabalhando juntas vão dar certo ou se apoiar, vão se ajudar, eu vou "linkar" elas e eu vou falar "vocês precisam trabalhar junto" ou "venham trabalhar comigo". Se eu vejo qualquer conexão com o nosso trabalho e foi assim muitas vezes que surgiu parcerias conosco, e dessas parcerias resultaram vários artigos publicados, capítulos de livro, por isso, porque a gente consegue ver uma conexão. Então eu gosto muito de fazer essa ligação entre as pessoas. Daí resulta muita conexão de projetos e de resultados. Então, isso é muito bacana, isso me inspira e eu gosto muito de fazer isso, porque eu acho que o que a gente aprende não é para a gente, é para ser repassado e para ser ensinado para outras pessoas. Então eu falo para minha equipe que o que eu aprendi eu ensinei para elas e hoje elas têm obrigação de passar isso para frente, porque se eu vou ter que ensinar para todo mundo que vai passando na minha vida a mesma coisa lá, como subir na árvore, como não faz araras, eu nunca vou sair disso, então eu tenho que estar num outro plano. E assim a gente vai, vai se completando e se motivando para realizar outros trabalhos, outros projetos, mas a arara azul é sempre a minha fonte primeira principal e assim, não tem comparação, ela é única.

**AMBCIÊNCIAS:** Em parte do estudo das Araras, eram montados ninhos para que fossem observadas as Araras em sua população ao invés de apenas um casal. Como era realizado essa observação? Quais foram os meios e critérios utilizados para a conclusão desse estudo inicial?

Neiva Guedes: Quando eu comecei, pensei que ia ficar numa barraca embaixo do ninho e aprender sobre essa arara e saber sobre tudo. E não, eu tenho que estudar uma amostra, tem que estudar vários casais, para ter uma média da população. Então hoje monitoramos em torno de 200 ninhos aqui no Pantanal e Cerrado. Para isso eu tenho que contar com três equipes. Estamos no Mato Grosso do Sul e no Mato Grosso, e na região do Pantanal e Cerrado, e trabalhamos muito para dar conta de monitorar esses quase 200 ninhos, e também precisa captar muito recurso, porque o custo não é baixo. A gente se locomove a maior parte do tempo com veículos, os veículos são limitados a no máximo três, quatro pessoas, e nossa equipe tem em média duas a três pessoas e passamos uma parte do dia subindo nas cavidades, olhando, recuperando cavidades, fazendo o manejo, instalando ninhos artificiais, às vezes esses ninhos artificiais ficam velhos e não dá para reaproveitar, então temos que tirar e colocar um novo, e ir acompanhando as araras. Quando a gente precisa também fazer algum manejo com elas, se for uma coisa simples, nós fazemos, como uma hidratação, passar alguma pomadinha em alguma ferida, enfim, coisas pequenas, porque o nosso foco não é muito ficar mexendo com os bichos. Talvez no próximo ano desenvolvamos um projeto para salvar aqueles segundo filhotes que geralmente morrem, né? Já sabemos que grande parte dos segundo filhotes que nasce não sobrevivem. Então talvez a gente vai fazer alguma coisa para trabalhar com eles. Mas o hoje é isso. A gente passa grande parte do tempo monitorando cavidades. Você me perguntou quais foram os meios e critérios utilizados para a conclusão desse estudo, e a primeira foi entender a biologia básica mesmo da espécie para depois começar a fazer manejo como a instalação dos ninhos artificiais.



AMBCIÊNCIAS: Em relação a conscientização das pessoas quanto a importância da preservação da fauna e especificamente das Araras, houve alguma melhoria significativa em razão do projeto e seu impacto social?

Neiva Guedes: Sim, muito. Desde o começo eu entendi que se eu só estudasse as araras, estivesse lá minha coleta de dados, DVDs, meu mestrado e doutorado, publicasse meus artigos, eu não ia conseguir conservar as araras. Eu precisava envolver as pessoas onde as araras estavam. Então, desde o começo eu trabalho com envolvimento da comunidade. Primeiro, tudo o que eu ia aprendendo sobre as araras, eu ia repassando para essa população ou na boca a boca, ou mandava mensagem para rádio, e a rádio, na época não tinha televisão nem internet no Pantanal, então eu usava a rádio para fazer essa divulgação. Hoje a gente usa as redes sociais, mas antigamente era a rádio e isso ajudou a melhorar muito o conhecimento sobre as araras, sobre conservação, sobre biodiversidade, e eu ganhei grandes parceiros. Eu te diria até que um dos pilares de sustentação e de resultados positivos do projeto é o envolvimento da comunidade num projeto de conservação. Eles ajudam a ficar de olho, eles nos ajudam no monitoramento e eles impedem que as pessoas vão fazer qualquer coisa, como o tráfico e a retirada das araras da natureza. Onde tem o projeto, onde tem o envolvimento, a gente consegue impedir esse tráfico, entendeu?

AMBCIÊNCIAS: Seu mestrado em Ciências Florestais, pela Esalq-USP, foi sobre a reprodução dessas araras. De que forma outras pessoas formadas tanto quanto nessa área como em outras áreas de atuação, podem contribuir com o seu Instituto?

Neiva Guedes: Todo mundo pode. Cada um pode. Na realidade, quando as pessoas estão dispostas a ajudar, ela vai encontrar um jeito de ajudar em qualquer área do conhecimento, mesmo que a pessoa não seja nem formada. Por exemplo existem pessoas, mulheres que trabalham com artesanatos, que fazem coisas belíssimas e que podemos ajudá-las só comprando material de artesanato delas e levando esse produto para outras pessoas no mundo inteiro que podem comprar e que vão ajudar a melhorar a renda delas. E elas também vão ajudar a conservar a biodiversidade quando elas trabalham com nossos produtos, usando as araras, os papagaios, os periquitos, as flores, as plantas, os frutos, elas vão divulgar a biodiversidade. Então, assim, independente da formação, independente da localização, independente de onde a pessoa está, quando ela quer ajudar, é possível, entendeu? Dá para ajudar, é importante, basta querer. Quando a pessoa quer, por exemplo um contador quer ajudar, ele pode ajudar em várias áreas na parte de contabilidade, pessoas que falam inglês nos ajudando com traduções, pessoas que mexem com redes sociais, biólogos, veterinários, engenheiros florestais tem várias formas de ajudar. Então, assim, no instituto a gente é muito aberto para colaborações, mas às vezes as pessoas vêm dizendo que quer ajudar, mas uma ajuda, às vezes voluntária, não tem muito, vamos dizer assim, compromisso. Isso é ruim, entendeu? Mas quando as pessoas têm compromisso, realmente se envolvem aí ajudam muito. Eu diria que não tem profissão específica, todas são importantes e todas podem contribuir de diferentes formas. Se você é bom em alguma coisa, seja na área de biologia ou qualquer outra área, mas tem interesse de ajudar, vamos descobrir de que forma que você pode nos ajudar. Que a gente também possa ajudar você. Enfim, eu acho que uma vontade de querer, já é o primeiro passo, entendeu? Bem, eu espero ter ajudado. Muito obrigada!